

O corpo como suporte da Arte

Beatriz Ferreira Pires

Este artigo se baseia na Dissertação de Mestrado da autora – que é arquiteta e artista plástica – elaborada junto ao Instituto de Artes da Unicamp. Nele, nos é apresentado uma visão sobre a prática da Body Modification relacionando-a com aspectos inconscientes, oníricos, lúdicos e sexuais.

Palavras-chave: Modificação corporal, marca pessoal, adorno estético/funcional

A *Body Modification*, conceito usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas – desde o uso de produtos químicos até a execução de intervenções cirúrgicas –, nos apresenta uma nova realidade na qual as definições de natureza e cultura se interpenetram causando, na maioria das vezes, um desconforto e um estranhamento.

Para situar o contexto onde essas técnicas vêm se desenvolvendo, gostaríamos de lembrar que, atualmente, mais da metade da população reside em áreas urbanas e vem enfrentando, principalmente nas grandes cidades, novas patologias e reações ao estilo de vida nelas desenvolvido: síndrome do pânico, estresse, agressividade. Esses fatores, propiciados e propiciadores da crescente violência urbana, ao mesmo tempo levam à banalização do corpo, e nos colocam diante da necessidade de nos reapropriarmos deste e de criarmos uma identidade que nos diferencie dos demais. Além disso, pertencer a uma sociedade extremamente visual – a um período histórico onde o surgimento e a renovação de novos elementos e interesses sociais são constantes e ocorrem numa velocidade que dificulta sua apreensão, onde não existe mais nexos entre passado, presente e futuro, nem a obrigatoriedade e a segurança do definitivo, onde é cada vez mais difícil a sobrevivência de características próprias, sejam elas individuais ou sociais – desperta no indivíduo o desejo de apropriar-se fisicamente dessa inconstância e de adquirir por meio da fusão entre a ciência e a tecnologia atuais e o resgate

de práticas milenares de alterações corporais desenvolvidas por outras sociedades, a opção de construir o seu corpo conforme a identidade que possui ou a identidade que deseja.

O rompimento da fronteira da pele nos permite a feitura de incisões, queimaduras, perfurações, mutilações e implantes de diferentes tipos, com a finalidade de modificar os contornos e acrescentar elementos à silhueta, possibilita a criação de novas dimensões estéticas, e faz com que o corpo deixe de ser uma “referência estável” (Villaça & Góes, 1998, p.13) e passe a representar o bem que se possui.

Basicamente, podemos dividir os adeptos das modificações corporais em dois grandes grupos: o primeiro, composto por pessoas que compartilham de idéias e ideais, e o segundo por seguidores da moda. A esse primeiro grupo pertencem os indivíduos que, na maioria das vezes, possuem mais de um tipo de intervenção corporal. Essas intervenções vão sendo feitas de forma crescente e contínua. Já o segundo é formado por indivíduos que vêem as modificações corporais como sendo um requisito estético necessário para se inserirem no contexto urbano atual.

A incorporação do onírico

No início do século XX, as revelações feitas por Freud em seu livro *A interpretação dos sonhos* nos apresentam uma nova forma de compreender o humano. Seu método, embora fosse de natureza clínica, não trilhava os preceitos naturais da medicina que se baseavam na análise biológica do órgão estudado, no caso o cérebro, mas sim na análise do consciente/inconsciente. Assim, a ciência médica buscava desvendar algumas manifestações corporais por intermédio da investigação realizada sobre o que não é físico.

Ao desenvolver suas pesquisas, Freud (1900) constatou ser através dos sonhos e da linguagem utilizada por estes – que se serve do processo de deformação para desfigurar o que nos é inaceitável – que nos permitimos realizar os desejos recalcados pela moral e pela cultura vigentes durante o período de vigília. A descoberta desse processo nos leva a perceber que a tentativa de traduzir a essência do desejo – entenda-se, aqui, desejo como anseios que permeiam as escolhas –, que é o que efetivamente diferencia um sujeito do outro, apenas com a linguagem verbal – própria do consciente – esbarra em lacunas intransponíveis. Para tal tradução é necessário o uso de outras linguagens, é necessária a poética. A área de conhecimento que mais se utiliza da poética é, sem dúvida, a arte.

A arte possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente. Por meio desse processo, ela busca resgatar a tradução primeira de cada indivíduo e de todos eles.

Tanto os sonhos como a aplicação de uma marca pessoal, seja ela uma tatuagem, um *piercing*, uma escarificação ou um implante, se utilizam das linguagens do consciente e do inconsciente. O sonho se utiliza do inconsciente para se apresentar a nós, e é através da linguagem elaborada por este que ele se expressa. Para transmiti-lo ao outro ou para entendê-lo racionalmente, utilizamos do consciente, da linguagem verbal. A marca corporal se utiliza do consciente para determinar sua execução e sua apresentação – tipo de intervenção e região do corpo onde esta será aplicada. A escolha dos adornos, que são os componentes concretos desta linguagem, tem sua origem nos elementos resgatados do inconsciente e transformados, por meio de uma cadeia associativa, nas imagens ou formas escolhidas pelo indivíduo para serem aplicadas em seu corpo.

Os adeptos da *Body Modification* só se sentem completos quando adquirem suas respectivas marcas pessoais. Para esses indivíduos, a lembrança de acontecimentos especiais e as emoções que estes despertam devem ser visíveis e estar registradas sobre o que de fato lhes pertence: o corpo. O símbolo pessoal surge da associação, na maioria das vezes, inconsciente, que o indivíduo estabelece entre um desenho, uma forma, e o sentimento, a sensação que determinado fato lhe despertou. É escolhido e determinado segundo o gosto estético pessoal, a ligação emocional que determinada imagem exerce sobre ele e o controle que este tem sobre o corpo. Como essa associação se dá de forma absolutamente particular, o real significado de qualquer uma das marcas corporais só é totalmente compreendido pelo indivíduo que a possui. Certamente, o ambiente com alto apelo visual em que vivemos, povoado por abstrações e simulacros, estimula o comportamento de que as diferenças precisam ser vistas, e não apenas sentidas e intuídas. Impressões, sentimentos e lembranças, anteriormente retidos de forma abstrata somente na mente, penetraram agora, de forma concreta, no corpo. Possuir registros corporais faz o indivíduo manter com estes, diferentemente do que mantinha com os que permaneciam longe do manuseio cotidiano, um contato visual e tátil permanente. O corpo passa, assim, a contar a história do indivíduo, não apenas pelo processo biológico natural de envelhecimento, mas também pelos fatos que este, de forma deliberada, quis que ficassem registrados.

O fato dos registros corporais, em oposição aos diários convencionais, que se utilizam de símbolos coletivos – palavras –, se utilizarem de símbolos individuais permite que estes fiquem permanentemente expostos sem que, com isso, o indivíduo possuidor dos mesmos perca sua privacidade. Há nessa

transferência não apenas uma mudança no modo de efetuar, de perpetuar e de relacionar-se com os principais fatos de sua história, mas também na forma de concebê-los que, com essa alteração, deixa de ser uma atividade predominantemente racional e passa, como os sonhos, a ser uma maneira encontrada pelo indivíduo de resgatar elementos do inconsciente. O registro corporal hoje, mais do que uma marca estética ou um amuleto protetor, representa um prolongamento da mente.

O ato de codificar permite que a exata compreensão do significado da imagem permaneça oculto às pessoas – a não ser que o indivíduo a revele –, além de poder ser comparado ao processo de distorção utilizado pelos sonhos para driblar a censura e realizar desejos não aceitáveis culturalmente, permite ao sujeito criar um segredo visível. Essa visibilidade tanto pode ser destinada a qualquer pessoa, quanto às pessoas eleitas por ele, dependendo da região do corpo que foi manipulada.

Possuir um segredo dá ao indivíduo um poder, o diferencia dos demais, e permite que, além da satisfação dada pelo fator estético e – no caso de alguns tipos de *piercing* ou implante – funcional, o gozo seja obtido, justamente, pelo fato dele ser detentor desse segredo.

Sabemos que uma das qualidades adotadas para definir a beleza do corpo humano é o da conservação da pele. A pele imaculada distancia a imagem de falência do corpo. O ato de depositar pigmentos sob a pele (tatuagem), de traspassá-la (*piercing*) ou de fazê-la adquirir um novo volume (implante) permite ao indivíduo incorporar, numa região do corpo real, a abstração, e dar à pele dessa região uma marca que possui o caráter de definitivo, o caráter (embora não verdadeiro) de não se transformar com o tempo. Assim, a mácula, aplicada à pele por essas técnicas, proporciona ao seu portador a sensação de imortalidade.

Ao pensar as marcas corporais como uma forma de transcendência, de ultrapassagem dos limites físicos, de fortalecimento do espírito e delineamento do caráter; de dar oportunidade ao psíquico expressar-se concretamente sobre o suporte ao qual está vinculado, de trazer à tona e vivenciar o inconsciente, de materializar o imaterial, como uma forma do indivíduo conectar-se ao universo, nos parece lógico e pertinente que estas sejam feitas exatamente no órgão que delimita esses dois espaços: a pele.

Mais do que delimitar o corpo humano, separando-o de tudo que é externo a ele, a pele estende-se para o interior do corpo por meio de seus orifícios naturais ou dos que lhe foram executados, fazendo a ligação entre a área exposta e a área protegida. É através dela que o organismo capta estímulos externos, elimina toxinas e executa a troca de calor. É sob ela que se encontra o que de mais semelhante existe entre os indivíduos: a composição de seus organismos. Neles, todos os elementos, salvo em casos de anomalias, são similares. Por baixo da

pele, esteticamente falando – não estamos considerando aqui o código genético, nem o funcionamento metabólico –, todos os indivíduos são iguais.

À função de limitar, de conter, estão associadas as de contato e de transição. A pele, intermediária e mediadora de espaços, pode ser comparada aos sonhos, que são mediadores entre o consciente e o inconsciente.

O fato de possuir um adorno aplicado sob a pele faz com que a região onde todos somos semelhantes deixe de ser. O indivíduo passa a se diferenciar, não por algo que ele colocou sobre a pele, mas sim por algo que passa a fazer parte de seu corpo, por algo que desfigura sua forma natural.

Uma das principais diferenças existentes entre a maioria das manipulações corporais praticadas pelas sociedades tribais e pelas sociedades urbanas é a relação que ambas estabelecem entre tempo (momento em que a marca é feita) e razão (motivo pelo qual a marca é feita). Nas sociedades pré-letradas existiam basicamente dois tipos de rituais onde as marcas corporais eram feitas: os dedicados a preparar o indivíduo para uma determinada atividade ou situação, que tinham uma ligação com o tempo cronológico e aconteciam por causa da faixa etária em que o sujeito se encontrava, e os voltados a registrar seus feitos heróicos, que não possuíam essa ligação e, normalmente, eram executados depois de guerras e caçadas. Nos rituais de preparação as manipulações eram feitas com o intuito de dar ao indivíduo o que lhe faltava para se tornar um ser completo. A partir do momento em que o indivíduo recebia sua marca pessoal, momento este não determinado por ele, e sim pelos costumes da comunidade e pelo seu líder espiritual, estava pronto para enfrentar as situações para as quais a marca o preparava, principalmente o amadurecimento físico, emocional e espiritual. Na nossa sociedade, a ou as marcas pessoais são adquiridas pelo indivíduo quando este se sente preparado para recebê-las. A iniciativa é pessoal e não social, é o indivíduo quem sente o desejo de possuí-la. A sociedade não a impõe. De modo geral, podemos dizer que nos tribais o ritual precede o fato e prepara o indivíduo para vivenciá-lo. Nos contemporâneos, ele se dá depois do fato consumado e serve como registro do ocorrido, um registro que ajuda a criar a identidade.

Construir um novo corpo, modificar sua superfície, subtrair ou expandir dimensões, formas e sensações, predeterminadas geneticamente pela espécie, possibilitam, a nosso ver, duas circunstâncias distintas. A primeira age de forma segregatória e diz respeito às condições atuais de vida e a relação que se estabelece entre o indivíduo e os outros. Transformar o corpo permite a este sentir-se pertencente a uma outra realidade, uma realidade que não passa por esses rituais sociais, uma realidade, até então, imaginária e imaginada. A segunda, referente à relação que o indivíduo tem com ele mesmo, age numa esfera menor e tem um caráter integrador. Ao fixar no corpo, por livre iniciativa, de forma concreta, embora codificada, as inquietações e desejos de sua mente e de seu

espírito, ele faz com que a intervenção corporal haja como um elo que unifica a dualidade existente entre o corpo físico e o corpo espiritual/mental.

As interferências aplicadas à pele apresentam um resultado físico, ligado à estética e à funcionalidade, e um psicológico, ligado ao gozo, à satisfação proveniente da realização de ter superado seus limites e de estar de posse de um elemento que o distingue dos demais. Esta satisfação se dá em várias instâncias e está sempre relacionada com o olhar do Outro (Dor, 1991).

Há, no ato de se apresentar com determinados tipos de adornos, a vontade, por parte do sujeito, de desestabilizar os indivíduos que não os possuem, de mostrar uma condição diferente de se expressar e de obter prazer. Prazer este obtido no momento da manipulação corporal, e estendido a todas as práticas possibilitadas pela modificação, inclusive a de verificar a reação que sua imagem causa no Outro.

O olhar do Outro, dependendo da região do corpo onde a intervenção está aplicada, pode acontecer de fato ou ser imaginado pelo indivíduo possuidor de modificações corporais. Se real, o gozo virá da apreciação, por parte do indivíduo, da reação que causa sobre o Outro, quando este se deparar na dimensão do real, do concreto, com um corpo construído com elementos capazes de lhe conferir características ilusórias, oníricas. Se imaginário, virá pelo fato de que, além de possuir uma alteração corporal, o indivíduo possui um segredo que poderá ser revelado por ele no momento, e para quem melhor lhe provier. Este segredo também pode ser parcialmente revelado, é o caso das fotos veiculadas pela *internet* e pelas revistas especializadas que, por apresentarem somente a região modificada do corpo, preservam a identidade do indivíduo.

Adornos estéticos/funcionais

Nas últimas décadas, o surgimento e a rápida propagação da AIDS colocou em pauta a morte e fez nascer uma nova preocupação com o corpo e com a saúde. Os limites e as restrições impostas, por esse fato, aos comportamentos adquiridos com a revolução sexual, fazem surgir uma nova sexualidade e uma nova estética, ligadas ao sexo sem contato. Dentre as formas utilizadas por essa nova sexualidade, quatro se destacam. São elas: o sexo virtual; a maior divulgação das práticas sadomasoquistas – normalmente, essas práticas não incluem o contato genital entre os parceiros –; a moda fetichista – é crescente o número de roupas e acessórios utilizados nas práticas sadomasoquistas, adotados pela moda –; e as modificações corporais feitas nas zonas erógenas – que permitem

ao indivíduo ter sensações prazerosas provocadas por movimentos corporais rotineiros.

Resgatar o toque e ampliar a capacidade sensorial de ao menos dois dos sentidos, a visão e o tato, possibilitam ao indivíduo possuidor de adornos corporais, e aos que com ele se relacionam, destacar, valorizar e alterar a maneira de perceber e de sentir áreas de seu corpo. Essa alteração, que leva a uma diversificação, a uma multiplicidade nas formas de vivenciar o erotismo e a sensualidade, desvinculando-os da organização sexual focada na área genital, nos remete a Freud que, ao tratar da perversão, a coloca como sendo a forma de se manter, durante a vida adulta, período no qual a sexualidade já está definida e cristalizada, a sexualidade polimorfa – infantil onde tudo ainda é apenas potencialidade.

Diferentemente da predominância do caráter onírico das tatuagens, evocado pela própria forma dessa se apresentar, os *piercings* possuem um caráter predominantemente sexual.

O *piercing*, dependendo da região do corpo onde é aplicado, intitula-se estético e/ou funcional. Os funcionais, que têm o intuito exclusivamente sexual, são adquiridos por dois motivos distintos. O primeiro diz respeito à castidade. Pouquíssimo usado nos dias de hoje, esse tipo de *piercing* era normalmente utilizado na época dos Romanos, onde a aplicação em escravos e mulheres podia ser realizada independentemente da vontade destes, como forma de impossibilitar as relações sexuais. O segundo, que é o motivo pelo qual o *piercing* funcional é procurado atualmente, é o de intensificar o prazer do indivíduo que o possui, seja durante o ato sexual ou não, e de seu parceiro. Neste caso, vários são os tipos de perfurações e de combinações entre elas. Em alguns casos, onde a quantidade de adornos pode chegar a impedir que o indivíduo mantenha um intercuro sexual, o prazer e o gozo chegam por outras vias, como a da estimulação constante, do exibicionismo ou do masoquismo.

Alterar a silhueta – vivenciar o lúdico

O que forma nosso contorno e separa o que é externo do que é interno, é a pele. A alteração desse contorno, seja por intermédio do formato ou da cor, impressiona a maioria das pessoas. Contorno, segundo o Aurélio, quer dizer: “Linha que fecha ou limita exteriormente um corpo”.

Quando essa linha é alterada, significa que algo interno a ela se modificou. Algo interno, íntimo, igualitário no sentido de ser da mesma espécie, de ser a certeza primeira, mais íntima e mais confiável. Quando isso acontece, passa-se a questionar o inquestionável. Por que motivo o homem quer mudar sua aparência?

Transformar os contornos que nos identificam como um indivíduo da espécie humana, ganhar a aparência de seres que permeiam muitas das histórias em quadrinhos e dos filmes de ficção que surgem na nossa vida, no período da infância, nos leva a cultivar o lúdico e a entrar em contato mais facilmente com o inconsciente.

Dentre as formas de modificação corporal aqui relacionadas, podemos dizer que o indivíduo que altera sua silhueta, por meio da utilização do implante, traz para a dimensão material, de uma forma mais contundente, o que antes era apenas ilusório. Figuras imaginárias, apresentadas pelos desenhos, histórias em quadrinhos e filmes de ficção, tornam-se reais. O implante, por fazer com que o corpo contenha um objeto estranho a ele sem que a pele tenha sua coloração alterada, se diferencia da tatuagem, do *piercing* e da escarificação. Na tatuagem, as substâncias alteram a coloração da região aplicada. No *piercing*, a jóia transpassa o corpo e pode ser substituída. Na escarificação, a própria pele, após sofrer ferimentos, forma um relevo. O implante pode se apresentar de duas maneiras: na primeira, onde é subcutâneo, somente identificamos o contorno do objeto implantado, e a impressão que temos é de que o indivíduo nasceu com aquela forma. Na segunda, onde somente a parte do objeto necessária para sua fixação é implantada, podemos vê-lo em sua quase total extensão. Aqui nos parece que o objeto está crescendo, está brotando do corpo do indivíduo.

Quando o indivíduo traz para a vida adulta tais elementos, e, mais do que isso, quando os incorpora fisicamente, estes o remetem de forma inconsciente ao lúdico. Desse modo, ele adquire a sensação desse poder, dessa força, não só por se tornar diferente, por criar uma identidade própria, mas por trazer o caráter do divertimento, da fantasia, a um cotidiano em que o comportamento convencional se baseia na racionalidade, por dar ao inconsciente um espaço real, visível e palpável.

Referências

- BERLINCK, M. T. (Org.). *Dor*. São Paulo: Escuta, 1999.
DOR, J. *Estruturas e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
KOFMANN, S. *A infância da arte – Uma interpretação da estética freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
STEELE, V. *Fetichismo: moda, sexo e poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
VALE, V. & JUNO, A. *Tatuaggi, corpo, spirito*. Milão: Apogeo, 1994.
VILLAÇA, N. & GÓES, F. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Resumos

Este artículo está basado en la disertación de maestría de la autora – que es arquitecta y artista – elaborada junto al Instituto de Artes de la Unicamp. En él, se presenta una visión sobre la práctica de la Body Modification relacionándola con aspectos inconscientes, oníricos, lúdicos y sexuales.

Palabras clave: Modificación corporal, marca personal, adorno estético/funcional

Cet article a été élaboré auprès de l'Institut d'Art de l'Unicamp et est centré sur la dissertation de "mestrado" de l'auteur qui est architecte et artiste plastique. On y présente une vision de la pratique du Body Modification – modification corporelle – en la reliant aux aspects inconscients, oniriques, sexuels et ludiques.

Mots clés: Modification corporelle, marque personnelle, ornement esthétique/fonctionnel

This article is based on the author's dissertation written for her MA at the Department of Arts at Campinas State University (Unicamp), Brazil. It presents a conception of the practice of body modification, relating it to unconscious, oneiric, and sexual aspects. The author is also an architect and artist.

Key words: Body modification, personal mark, aesthetic and functional adornment